

LUGAR DE PRETO E PRETA É NA GERAL¹

Danilo da Silva Ramos²

Georgino Jorge de Souza Neto³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o torcer dos negros e negras no Brasil. O período temporal aqui abordado vai do início do século XX as primeiras décadas do século XXI. Buscamos apresentar imagens para ilustrar alguns argumentos que operacionalizamos durante o estudo. Expomos que independente da temporalidade o torcer das pessoas negras foi tratado como exótico, inviabilizado ou negado o acesso. Em determinados discursos o cerne da participação da população negra enquanto torcedora nos estádios de futebol é atravessa pela questão econômica, entretanto, ancorados em teorias como do Racismo Estrutural de Silvio de Almeida, defendemos que a maior luta não é econômica e sim racial. A análise das fontes evidencia como o racismo estrutural, parte fundamental da sociedade brasileira, está entrelaçado à história do futebol brasileiro (aqui em sua parte torcedora) e traz consigo obstáculos de acesso, prática e manifestação do torcer da população negra.

Palavras-chave: Torcedores e torcedoras. Futebol. Racismo.

BLACK PEOPLE'S PLACE IS NA GERAL

ABSTRACT: This article aims to analyze the cheering of black men and women in Brazil. The time period covered here is from the beginning of the 20th century to the first decades of the 21st century. We seek to present images to illustrate some of the arguments we operationalize during the study. We expose that regardless of temporality, black people's cheering was treated as exotic, made impossible, or denied access. In certain speeches, the core of the participation of the black population as fans in the soccer stadiums is crossed by the economic issue, however, anchored in theories such as Silvio de Almeida's Structural Racism, we defend that the biggest struggle is not economic, but racial. The analysis of the sources shows how structural racism, a fundamental part of Brazilian society, is intertwined with the history of Brazilian soccer (here in its fan part) and brings with it obstacles to the access, practice and manifestation of black fans.

KEYWORDS: Fans. Football. Racism.

EL LUGAR DE LOS NEGROS ESTÁ NA GERAL

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar las formas en que los hombres y las mujeres negros/as hinchaban en Brasil. El período de tiempo investigado fue de principios del siglo XX hasta las primeras décadas del siglo XXI. Buscamos presentar imágenes para ilustrar algunos de los argumentos que usamos durante el estudio. Exponemos que independientemente de la temporalidad, el acto de hinchar de las personas negras fue tratado como exótico, impracticable o se hizo inviable el acceso. En ciertos discursos, el núcleo de la participación de la

¹ Esse artigo foi financiado pelo Projeto Academia&Futebol, da Secretaria Especial do Esporte do Ministério da Cidadania em parceria com o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas – GEFuT da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – EEFTO da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

² Secretário e Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Email: danilopelc@gmail.com

³ Doutor em Estudos do Lazer pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. É professor da Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: netogeorgino@gmail.com

población negra como hinchas en los estadios de fútbol está marcado por el tema económico, sin embargo, anclados en teorías como las del Racismo Estructural del escritor Silvio de Almeida, defendemos que la mayor lucha no es económica, sino racial. El análisis de las fuentes muestra cómo el racismo estructural, parte fundamental de la sociedad brasileña, se entrelaza con la historia del fútbol brasileño (aquí en los casos de las hinchadas) y trae consigo obstáculos para el acceso, la práctica y la manifestación del acto de hinchar de la población negra.

Palabras-clave: Hinchas. Fútbol. Racismo.

Introdução

Entre o lançamento da obra de Mário Filho (que nunca se pretendeu objeto de análise social, em que pese a sua relevância) e os anos iniciais do século XXI, a presença dos negros⁴ no futebol nunca ocupou lugar de central preocupação nas ciências sociais e humanas. Embora muitas teses e dissertações tenham se debruçado sobre a temática, tal objeto de estudo se constituiu por longo tempo à margem das produções acadêmicas, quando analisamos o conjunto de investigações no escopo deste campo.

No entanto, a questão racial no universo futebolístico vem merecendo toda sorte de atenção por parte de estudiosos deste notável fenômeno social/esportivo, notadamente na última década, de modo especial. A recente e crescente preocupação acadêmica reflete a urgência da realidade situada sobre o necessário debate de negritude e racismo, eclodido em um contexto de reivindicações que emergiram a partir do retrocesso percebido na dinâmica da estrutura social, espreado na diversidade das práticas cotidianas.

O futebol, percebido enquanto fato social, reflete o mundo em que está inserido, influenciando e sendo influenciado pelas experiências do seu entorno. Por certo que o discurso da racialidade não representa uma novidade, se apresentando como problema histórico ao longo do desenvolvimento desta prática esportiva no país. Contudo, o protagonismo da problemática racial no futebol, quando apropriado pelos cânones acadêmicos, privilegiou via de regra a presença dos negros no campo de jogo, negligenciando a sua inserção (ou não inserção) para além das quatro linhas. Neste sentido, todo um universo de investigações se apresenta lacunado, face às enormes potencialidades de pesquisas que se tornam subvalorizadas. Como exemplo, podemos apontar a ausência de negros nas diretorias e conselhos deliberativos dos grandes clubes, na grande mídia esportiva, no corpo técnico qualificado que atua no treinamento e preparação dos atletas, nos quadros dirigentes das principais entidades representativas, na arbitragem, dentre outros espaços.

⁴ Durante este artigo utilizaremos a palavra “negro” em algumas ocasiões para representar a população negra de uma maneira abrangente, em relação a sexo e gênero. Marcamos aqui nossa crítica a estes condicionamentos que a língua nos leva, então, apesar de usarmos neste texto “negro” no masculino para nos referir à população negra, reconhecemos que a língua reforça estereótipos, excludentes e por vezes patriarcais.

Frente às muitas possibilidades de análises nesta perspectiva, apontamos nosso olhar para as arquibancadas. Qual o lugar ocupado pelos negros nos estádios/arenas de futebol, enquanto torcedores? De que maneira esta presença/ausência se forja? Como os negros se inseriram na ótica de espectadores do jogo? Este artigo tenciona, assim, produzir uma reflexão narrativa sobre estes questionamentos, a partir de fontes periódicas e imagéticas. Para tanto, pensamos no desdobramento discursivo em três eixos temporais específicos: os primeiros anos do futebol no Brasil até o profissionalismo (1933); do profissionalismo/popularização até os anos finais do século XX (1933-década de 1990); e por fim o período do século XXI, destacando o novo modelo de gerenciamento do espetáculo esportivo/futebolístico no país, em função do ordenamento mercadológico e da realização de megaeventos.

Futebol, Distinção e Festa: um quadro pintado em branco... e branco

O nascedouro do esporte, na perspectiva de um fenômeno moderno, se constituiu como uma prática vocacionada às elites. Neste sentido, pensar os usos e apropriações desta experiência no Brasil, em fins do século XIX e primeiras décadas do XX, remete-nos à compreensão de que a mesma se circunscrevia em um circuito bastante restritivo, ligado a um novo ordenamento social, em especial na distintiva ocupação do tempo disponível.

Assim, o futebol em particular, se apresentou como uma manifestação amadora e festiva, reverberando uma vivência de distinção de uma classe dominante. As partidas de futebol, naquele momento, eram praticadas (e notadamente frequentadas) por sujeitos pertencentes aos estratos mais elevados da sociedade. Neste cenário, a população negra era não mais que uma desejada ausência, mantida à distância por códigos tácitos, e por vezes explícitos, em uma estrutura social pensada para se organizar com essas rupturas raciais em todas as suas esferas, o que não seria diferente no novíssimo movimento esportivo que começava a tomar conta do cotidiano urbano brasileiro. Conforme assinalado por José Miguel Wisnik,

[...] esse futebol torna-se logo a vitrine de um modo de vida europeizado, cosmopolita, e um índice de civilização e progresso, além de um traço de distinção social. Pondo-se como esporte vocacionado congenitamente para gente fina, seja na platéia ou no gramado, o futebol dos grandes clubes do Rio de Janeiro [...] e de São Paulo [...] consolida-se como moda elegante ao longo já da primeira década do século. (WISNIK, 2008, p.200).

A associação de uma vida social mais intensa e pública (possibilitada no futebol) com um incremento das relações pessoais, acabava por legitimar o discurso do esporte como um elemento social desejável. Assim, jogar e assistir o futebol em Belo Horizonte se tornava, cada

vez mais, um hábito incorporado socialmente, chegando a ser rotulado como a “mania do *football*”⁵. No entanto, parece-nos evidente que este projeto não se destinava a todos, dada a notória invisibilidade dos negros neste processo.

No tocante à ideia de torcedor/torcida, podemos inferir que as pessoas, mais que torcer para um time de futebol, se faziam presentes com o intuito de participar de uma experiência social festiva. Assistir, concorrer, frequentar, apreciar: independentemente de como os jornais refletiam o público ao redor dos campos de futebol, fato é que as pessoas lá estavam, e em número cada vez maior. Quem eram esses sujeitos, e por quais motivos ocupavam aquele espaço? Ainda que os periódicos ilustrassem as práticas sociais de um grupo distintivo, não seria equivocado apontar que o entorno dos campos de futebol se destinavam mesmo a uma assistência constituída pela família, pelas “senhoras e senhorinhas”, pelos *sportmen*, bem como, de forma crescente, pela classe política, intitulada de “mundo oficial”. Esse universo de atores representava o *high-life* social, tornado público através das narrativas da imprensa.

Para delinear este panorama, trazemos aqui a matéria do jornal *Minas Geraes*, periódico oficial do Estado, que repercutia a partida de futebol entre o Yale e o Morro Velho, no ano de 1911. Na nota, descreve o jornalista que:

Para maior brilhantismo da festa, o ground da avenida Paraopeba passou por notável transformação material, não só de terraplanagem, como em tudo mais que se tornava necessaria para o conforto do grande publico alli esperado. Varios pavilhões e archibancadas foram contruidos, dando ao campo um aspecto novo, de local para diversões ao livre. [...] Conta com a presença do exmo. sr. Bueno Brandão, presidente do Estado, dos seus secretarios e do prefeito dr. Olyntho Meirelles, aos quaes o club mandou convidar por commissões especiais.⁶

O texto do periódico oficial do Estado traz uma série de conotações importantes quanto à ocorrência de práticas até então não percebidas, em relação principalmente ao público assistente. A preocupação com “melhorias materiais”, no intuito de maior comodidade ao “grande público esperado”, dava a ideia de uma outra valorização desta prática no começo da década de 1910. A compreensão do evento como uma “diversão ao ar livre” também indica a forte relação estabelecida do futebol como um fato social, público, possibilitado na concepção do divertimento.

Todo este espetacularizado universo, aparentemente apropriado pela camada social da elite, começava também a receber a presença de outras pessoas, apontadas com menor evidência (e às vezes nem sequer evidenciadas). Como mostrava o jornal,

⁵ A EPOCHA. Belo Horizonte, p. 2, 30 out.1904.

⁶ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 15 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 6.

Notava-se ainda ao longo da avenida, fóra do recinto, uma grande aglomeração de populares, que acompanharam, cheios de entusiasmo, as peripecias da lucta, applaudindo, em delírio, os valentes “foot-ballers”, a cada golpe de mestre vibrado por algum dos jogadores.⁷

A “aglomeração de populares” é o indício mais esclarecedor quanto à participação de pessoas não ligadas a grupos privilegiados, na assistência. Embora essa presença começasse a ser notada, o lugar destinado a ela não deixava de ser explicitada: “fóra do recinto”. Mesmo impedidos de entrar, “os de fora” não se eximiam de acompanhar “as peripécias da lucta” travadas nos “grounds de football” da cidade.

Sobre o fenômeno de apropriação de uma “vida esportiva” pelas camadas sociais, Sevckenko elabora um discurso que aponta as possíveis causas de tal processo. Nele, o autor afirma que:

A intensidade e a plethora de estímulos, emoções, adestramentos, agilidades, impulsos, excitações, perspicácia, divertimento e gozo, além de transe profundos de expectativa, comunhão e euforia, se ofereciam como ganhos imediatos aos praticantes ou entusiastas dos esportes. [...] Nelas os indivíduos e as comunidades encontrariam, por sua própria conta, um recurso de satisfação de muitas de suas carências e um meio de despertarem e disporem de porções negligenciadas, rejeitadas ou frustradas das suas energias. (SEVCENKO, 1992, p.48).

Esta nova condição espetacularizada do jogo, imprimia também novas necessidades. O sentido de lucro passa a permear a experiência, e uma das mais marcantes determinações estava na cobrança de ingressos. A diversão esportiva agora é “consumida” pelo público espectador. A nota do Minas Geraes deixava esta situação bastante clara, ao anunciar já no ano de 1916:

Realisa-se hoje, a 1/30 da tarde, o “match” de “foot-ball” em benefício das obras da matriz da Boa Viagem, havendo grande interesse para essa lucta, na qual tomam parte varios moços das principais familias e alumnos das escolas superiores. [...] O preço das entradas será o seguinte: geraes, 1\$000; archibancadas, 2\$000. Não haverá entradas de favor.⁸

Além de destacar os valores cobrados, a nota indicava, também pela primeira vez, a divisão de lugares no “ground”. As *geraes*, mais baratas, determinavam os lugares menos privilegiados, com a assistência permanecendo em pé todo o tempo. Diferentemente, as arquibancadas representavam os lugares mais cômodos, onde as pessoas podiam assistir às partidas sentadas, sob a sombra de uma cobertura.

O jornalista carioca Mario Filho, em uma passagem do seu livro “O Negro no Futebol

⁷ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 17-18 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 8.

⁸ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 14-15 ago. 1916. Seção Festas e diversões, p. 7.

Brasileiro”, narra assim a relação que se dava entre a geral e a arquibancada, nos primeiros indícios deste movimento:

A boa ordem social das casas de família. Cada um no seu lugar, até os parentes pobres. A geral de um lado, a arquibancada do outro, no centro do campo, os jogadores correndo. Correndo mais para quem estava na arquibancada do que para quem estava na geral. (FILHO, 2003, p.41).

Outro importante estudioso da história do futebol no Brasil, Joel Rufino dos Santos, também opina sobre a presença de pessoas estranhas à elite na assistência, que ocupavam (quando conseguiam ocupar) o espaço da geral. Para o autor:

Os pobres – os que não tinham dinheiro para a bola, os uniformes e os ingressos – espiavam por cima do muro. Mesmo os que conseguiam pagar o preço da geral, sentiam-se intrusos no espetáculo: os craques, ao saudarem a torcida, nunca se dirigiam a eles, mas à seleta assistência da arquibancada, bouquet de moças e rapazes de boa família. (SANTOS, 1981, p.15).

No início da década de 1920 o público presente às partidas de futebol era cada vez maior. Mas o aspecto distintivo ainda imperava, com a divisão de espaços próprios e específicos para cada tipo de plateia, dentro da torcida por um mesmo time. O confronto América x Queluziano, da cidade mineira de Queluz, expunha, imagetivamente tal condição. Na foto que estampava em plano geral o aspecto das arquibancadas é possível distinguir dois tipos bem diferentes de público: no estádio americano, bastante cheio, a geral e as arquibancadas compunham dois universos em separado:

Imagem 1 – Foto da partida entre o América e o Queluziano, notando-se a geral e as arquibancadas.



Fonte: CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, 30 ago. 1927. Seção Jogos e Desportos, p. 3

Na fácil vitória da equipe alvi-verde pelo placar de 5 x 0, o Correio Mineiro trazia uma nota descrevendo aspectos gerais desta partida. No trecho da nota intitulado “A assistência”, o

periódico destacava:

A assistência no campo americano foi boa. Lá vimos o sr. cel. Lindouro Gomes, presidente do America; ás senhoritas Lindorinha Gomes, Hilda Pedercini, Angelica Henriot, Altair Gomes, Lourdes Regato, Adalgiza Gomes, Yolanda Pedercini, Marietta Barros, Hilda Paula Ricardo, Thereza Barros, Celia Lana, Amelia Lana e muitas outras pessoas cujos nomes não nos foi possível tomar.⁹

O destaque dado a poucas pessoas, certamente sujeitos da parte de cima e central das arquibancadas, acabava por sombrear a grande massa de indivíduos que lá estavam, participando do espetáculo. Embora não aparecessem nas notas das seções esportivas da imprensa, os “de baixo” (neste caso a expressão torna-se literalmente apropriada) compunham o cenário que a imagem não permite omitir. Fazendo um recorte da foto, e analisando mais detalhadamente a sua parte inferior direita, encontramos aqueles que, pelas roupas e pela cor da pele, se encontravam em uma camada social distante da fidalga classe da elite, antes predominante na assistência.

Imagem 2 - Detalhe aproximado da geral, na partida America x Queluziano.



Fonte: CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, 30 ago. 1927. Seção Jogos e Desportos, p. 3

O aparente democrático esporte bretão permitia a participação de quase todos, à exceção daqueles que não tinham condição de pagar pela sua apropriação. Embora fosse popular, o futebol não escapava à lógica mercantilista que dominara o novo ordenamento social. Para a distinção de público, distinção de valores. Buscava-se o lucro em todos os segmentos, o que propiciava a massificação do esporte, mas guardando o lugar evidentemente demarcado das classes sociais: pretos e pobres, na geral.

Neste sentido, a fala do intelectual camaronês Achille Mbembe nos parece bastante

⁹ CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, 30 ago. 1927. Seção Jogos e Desportos, p. 3.

pertinente, ao elaborar o conceito de “lógica do curral”. Para este autor:

Nesse contexto, os processos de racialização tem como objetivo marcar esses grupos populacionais, fixar o mais precisamente possível os limites em que podem circular, determinar o mais exatamente possível os espaços que podem ocupar, em suma, assegurar que a circulação se faça num sentido que afaste quaisquer ameaças e garanta a segurança geral. (MBEMBE, 2014, p.71).

Entre arquibaldos e geraldinos: cada qual no seu lugar

A partir da profissionalização do futebol no país, impulsionada pela sua incrível capacidade de arrebatamento popular, a inserção dos negros nos estádios se tornaria inevitável. Mas não sem a determinação social de sua devida ocupação espacial.

No ano de estreia do jornal “O Globo Sportivo”¹⁰, em 1938, foi publicado um conjunto de matérias intituladas “Como eu torço”, encontramos 15 incidências nas 17 edições publicadas naquele ano. A forma como o negro foi abordado nestas páginas que discutiremos a seguir. Elaboramos um quadro com as características de sexo, raça, quantidade de matérias e fotos existentes nestes espaços:

Tabela 1 – Coluna “Como eu torço” dados gerais.

Sexo/Raça	Quant. de Matérias	Quant. de Matérias (%)	Quant. de Fotos	Quant. de Fotos (%)
Homem Branco ¹¹	3	20	9	20,93
Homem Negro	2	13,33	7	16,28
Mulher Branca	9	60	26	60,47
Mulher Negra	1	6,67	1	2,33
total	15	100	43	100

Fonte: Elaborada pelos autores.

Além das fotos, as matérias do quadro “*como eu torço*” eram compostas por texto e em alguns casos perguntas e respostas dos personagens das matérias. É notório a diferença na representação textual em relação à raça, quando tomamos como métrica comparativa os textos em que temos a presença de mulheres. Para as mulheres brancas foi comum o elogio à “beleza” exemplo: “Elza Soares, a linda loira, miss Escola Rivadava Corrêa, faz uma pausa. Está se lembrando daquele jogo, tão triste para ela (...)”¹² e “então toda aquela beleza tranquila se desvanece. Surge uma Vania Pinto feroz./As mãos se abanam no espaço. Vão até o rosto e

¹⁰ Jornal voltado cobertura do esporte, foi dirigido por Roberto Marinho e Mário Filho. Circulou até 1952.

¹¹ Constam aqui (incluídas) duas crianças brancas.

¹² Jornal O Globo Sportivo, outubro de 1938.

castiga impiedosamente a pele de veludo (...)"¹³. Na única matéria em que aparece, a mulher negra, demonstra um contraste na abordagem textual, construindo a imagem de uma torcedora que “gritava quando todos os outros se calavam. Pulava quando todos estavam parados. Aquela criatura nervosa, no meio da assistência, chamava a atenção: - olha como ela torce (...)"¹⁴. Analisando a fotografia da mulher negra, cabe destacar que ela aparece como um elemento da foto e não o destaque central, foi nas fontes a única que não teve foco central. Em seu texto não lhe foi reservado espaço para publicação de seu nome. Para ela, sua permanência na história se dá apenas pela forma particular de torcer em que o autor do texto se deteve. Mas para sua memória fica a guarda de sua existência e resistência, inclusive para torcer da maneira que lhe convinha. Compartilhamos abaixo algumas das fotos supracitadas, entretanto, convidamos os leitores para visitarem esta coletânea em um álbum que montamos¹⁵.

Imagem 3 - Algumas fotos dos torcedores negros em matérias da série “Como eu torço”



Fonte: Montagem de fotos da coluna “Como eu torço” (1938) de produção dos autores.

Saltou-nos aos olhos as fotos dos negros em dois casos ser apenas de perfil (em relação a posição dos corpos) e não conter nenhuma foto frontal. Quando o negro foi retratado em foto frontal tratava-se do garçom do bar do Vasco, que em seu texto foi descrito que deixava

¹³ Jornal O Globo Sportivo, setembro de 1938.

¹⁴ Jornal O Globo Sportivo, outubro de 1938.

¹⁵ Disponível em <https://www.flickr.com/gp/193027378@N05/9Y636p>.

o bar nos momentos mais tensos do jogo e na data da matéria, ao fim do jogo em que assistia acabara agredindo um torcedor rival.

O jornal “Alterosa”¹⁶, em 1955, noticiou a conquista do Tricampeonato Mineiro pelo Atlético Mineiro: “Assunto à epidemia futebolística, hoje, já inoculou todos os brasileiros com o vírus da pelota (...) o entusiasmo por esse tri deixou de constituir um fato somente esportivo para tornar-se um fato social, um problema de domínio nacional.” Na mesma edição temos o aparecimento dos torcedores negros marcados como “elementos mais exaltados da torcida” que invadiram o campo para comemorar.

Imagem 4 - Torcedores invadem campo para comemorar



Fonte: Alterosa. Belo Horizonte, 15 jun. 1955. Aqui quem canta é o “Galo”, p. 47

Em 1949, no mesmo jornal, foi publicada uma matéria intitulada “Futebol Mania da Cidade”, destacamos a forma em que o torcer é abordado. Apresentado como um fenômeno esportivo sem distinção de classe social, um dos trechos dizia “a paixão pelo futebol não é manifestação exclusiva do povo, da massa anônima. Pessoas de projeção na vida mineira acham-se incorporadas aos clubes esportivos.”¹⁷ Em 1954, o Alterosa publicou “mentalidade de chuteira” que discute como o futebol e suas manifestações/representações estavam presentes no cotidiano dos jovens e consequentemente aqueles que fazem parte de seu círculo social.¹⁸

Então, o torcer difundido na sociedade e presente em todas as classes sociais acabara por construir o coletivo como:

¹⁶ Jornal Alterosa, junho de 1955.

¹⁷ Jornal Alterosa, janeiro de 1949.

¹⁸ Jornal Alterosa, maio de 1954.

[...] no fundo é uma democrática torcida (Atlético Mineiro), em que operários, comerciantes, doutores - todas classes, enfim - se confundem e esquecem diferenças tornando-se unânimes no ebulliente estado de espírito, que é de ser atleticano.¹⁹

Então se todas as classes se tornam uma durante as partidas de futebol, as raças também eram superadas nestes momentos para a imprensa e os apoiadores deste conceito. Parte da imprensa que defendia essa unidade foi capaz, ao longo dos anos, de retratar o torcedor negro como um torcedor fora do padrão, ou seja, um estranho no ninho.

Constatamos em nossa pesquisa que a invisibilidade do negro ou seu retrato como “exótico” foi rotineiro. Para exemplificar essa marginalização, trazemos duas campanhas publicitárias que circularam na revista Placar, uma no início da década de 70 e outra no início da década de 80. A primeira refere-se a uma propaganda voltada para divulgação de produtos do Banco do Brasil, tendo como público-alvo os trabalhadores em geral²⁰. A foto escolhida para campanha e que representava a torcida brasileira “É preto-e-branco. É tricolor. É rubro-negro. O Banco do Brasil é verde-e-amarelo”²¹, uma alusão à seleção brasileira de futebol. Observem que a torcida é composta por homens brancos (maioria), mulheres brancas (pequena parcela) e nenhum negro, homem ou mulher.

Imagem 5 - Torcedores em campanha publicitária do Banco do Brasil



Fonte: Revista Placar. 23 de nov. 1973. Propaganda, p. 21.

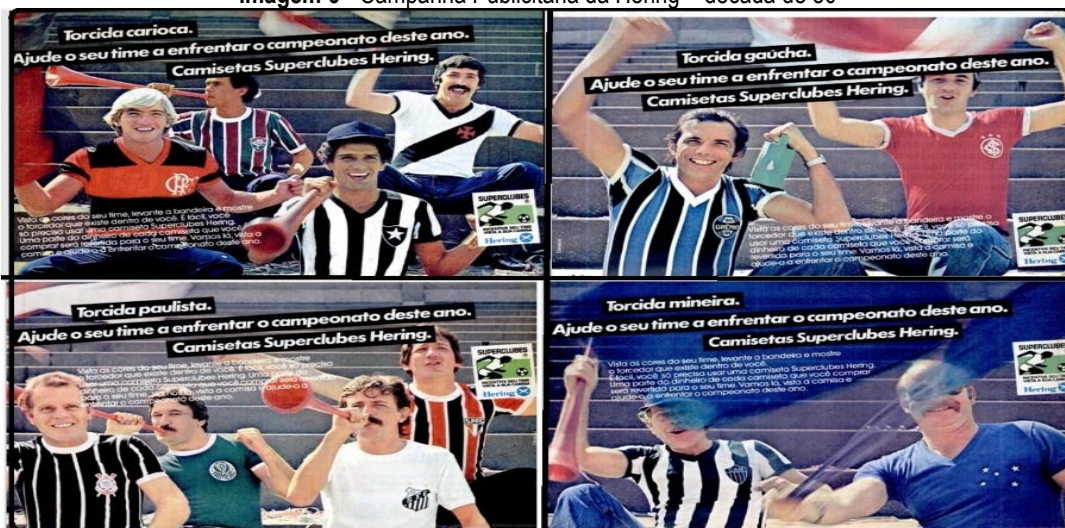
¹⁹ Jornal Alterosa, julho de 1957

²⁰ Cabe destacar que a existência deste tipo de propaganda em uma revista de porte e circulação nacional, demonstra a expectativa de absorção de público – no caso possíveis clientes.

²¹ Revista Placar, novembro de 1973.

Não diferente do exemplo acima, em uma campanha publicitária para venda de camisas licenciadas, a empresa de fabricação de roupas Hering utilizou apenas homens brancos para compor suas propagandas, excluindo mulheres e negros (homens e mulheres). Demonstra aqui uma percepção da marca sobre seus consumidores, ao passo que parte dos valores das vendas seria revertida para os clubes em questão.

Imagem 6 - Campanha Publicitária da Hering – década de 80



Fonte: Montagem de fotos. Produção dos autores.

No início da década de 70 foi publicada uma matéria intitulada “Meu timinho é o maior”²², onde escolheram alguns torcedores que tinham paixão por clubes de “menor expressão”. Foram nove histórias, todas de homens e uma com um torcedor negro. A matéria relata as peculiaridades surgidas quando se escolhe torcer para um clube “pequeno”. Valter Cerqueira, torcedor negro apresentado, relata que ele perdeu um braço, enquanto fazia reparos no clube. No subtítulo a matéria traz em negrito e caixa alta “Eu até perdi um braço. Feliz”. Como se, em nosso entendimento, fosse possível algum ser humano perder permanentemente um membro de seu corpo e estivesse feliz por isso, diferente de encontrar felicidade ou modos de vida após a perda de um membro.

Houve na revista Placar uma coluna denominada “Camisa 12”, espaço destinado para publicar cartas de torcedores, em setembro de 1976 foi reproduzido a foto abaixo, relatando que se tratava de um comitê de recepção de torcedores baianos. Notadamente falso, mas por qual motivo permitir uma publicação com este teor? Homens negros armados com facão e obviamente juntos por qualquer outro motivo, menos receber um time ou torcida adversária.

²² Revista Placar, abril de 1971.

Imagem 7 - “Comitê de recepção do estádio Fonte Nova



Fonte: Revista Placar, fev. de 1976. Comitê Caloroso é isso. p. 66.

“Os feitiços da vila” foi uma matéria publicada na Placar na qual se discutem vários aspectos que compunham o cotidiano do Santos Futebol Clube, como a dificuldade do time pós a era Pelé, as disputas políticas de bastidores, a relação dos torcedores com o clube, a importância do clube para a cidade e inclusive o futebol como principal prática de lazer da época.

Apesar das aparências em contrário, uma boa parte dos 480.000 habitantes de Santos não gosta dos fins de semana. Se faz sol, um número de paulistanos muitas vezes equivalente a população do município invade e superlota suas praias que se tornam cada vez mais sujas e poluídas. O trânsito fica congestionado, as calçadas se enchem de turistas, os restaurantes entopem e os preços sobem. Para eles, o futebol termina sendo uma ótima opção.²³

Um torcedor foi escolhido para ser o “microcosmo” da multidão, Onofre Augusto Roberto, negro e faxineiro que torce: “Chuuuuuta - o grito gutural é inconfundível. As pessoas voltam-se para o crioulo desdentado, de roupas puídas, a contorcer o corpo todo sempre que seu time tem a posse de bola.”²⁴

²³ Revista Placar, março de 1976.

²⁴ Idem.

Imagem 8 - Onofre Augusto Roberto, torcedor destacado na matéria supracitada



Fonte: Revista Placar. 05 de mar. 1976. Os feitiços da vila. p. 19.

Não foi a primeira incidência da escolha na forma de representar torcedores negros nos estádios, em grande parte mostrado aqueles notadamente mais populares, desdentados, malvestidos e com singularidades no torcer (se é que existe um padrão normativo para a expressão no ato de torcer). A representação dos torcedores negros em alguns momentos vinha das “Gerais²⁵”, ou seja, dos geraldinos.

Imagem 9 – Representações de torcedores na revista Placar



Fonte: Montagem de fotos. Produção dos autores.

²⁵ Locais dos estádios em que os ingressos tinham preços menores.

O novo velho futebol: as arenas e a invisibilidade dos pretos ou à guisa de conclusão

Na emergência do século XXI um novo panorama se desenha no horizonte do futebol brasileiro. A forte presença do mercado faz alterar a dinâmica gerencial do espetáculo futebolístico, modificando por conseguinte a sua estrutura, o seu ritmo, e fundamentalmente os seus personagens.

Neste novo cenário, impulsionado no país pela ocorrência da Copa do Mundo em 2014, a resignificação da lógica operacional em torno do futebol passa a ser predominante. A recente experiência de sediar um Megaevento fez com que o Brasil adotasse sistematicamente esse modelo de gerenciamento do futebol. A dinâmica do futebol-espetáculo e mercadológico se materializou na construção das arenas, mas acontece também em ações como: maior investimento dos clubes em uma gestão empresarial; sócio-torcedores como política estruturante (o que abala fortemente o sentido das torcidas organizadas); justificativa para ingressos caros (já que o serviço ofertado será de maior qualidade); aposta em mídias sociais e ferramentas virtuais de promoção do clube; retorno financeiro a partir da exploração da marca do clube em produtos oficiais (as lojas oficiais físicas e virtuais cresceram enormemente) como demonstrado por Leoncini e Silva (2005); incremento do retorno televisivo através dos programas de *pay-per-views*.

Ora, neste enquadramento, percebemos claramente o que o jornalista Juca Kfourri nominou de “processo de *embranquecimento* dos estádios”. Por trás de uma evidente exclusão econômica reside sub-repticiamente a exclusão racial. Ou seja, o racismo estrutural é parte do projeto do capitalismo brasileiro. Quanto a isso, o intelectual Clóvis Moura anuncia:

Esse conjunto de mecanismos ideológicos, inconsciente para a maioria, mas elaborados por uma elite racista, refletir-se-á no processo concreto da seleção econômica dos negros. A instrumentação dessa ideologia deve ser vista como um elemento componente da marginalização de grandes continentes populacionais negros. (MOURA, 2019).

A extinção das “gerais” é absolutamente revelador da consecução deste reordenamento social. Retirar os negros dos estádios brasileiros é assim, um planejamento intencional, mais asséptico que econômico. Portanto, mais racial que capital (diríamos mesmo que neste caso o aspecto financeiro serve de base para a legitimação do projeto racista).

Imagem 10 – Torcedores do Brasil durante a Copa do Mundo de 2014



Fonte: Memória Globo. 13 de jul. 2014. Seleção Brasileira. Online.

Imagem 11 – Torcedores do Brasil durante a Copa do Mundo de 2014



Fonte Folha Uol. 22 de dez. 2014. Melhores fotos da Folha na Copa 2014. Online.

Na esteira da eliminação espacial que historicamente garantiu a presença dos torcedores negros, outras estratégias o afastam também das novas práticas torcedoras. O acesso aos programas de sócio torcedores não alcança a grande massa de sujeitos, notadamente aqueles mais abaixo na pirâmide social. Assim, podemos afirmar que:

Para analisar o poder de compra dos ingressos entre os torcedores, é interessante buscar a renda média domiciliar *per capita* do brasileiro. Segundo dados de 2016 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a renda média domiciliar *per capita* no estado de São Paulo, onde está a maior parte dos torcedores de Corinthians, Palmeiras e São Paulo, é de R\$ 1.723,00. Apesar de estar acima da média nacional (R\$ 1.226,00), ainda é um número baixo. Por isso, afirmam alguns

críticos da “Ditadura do sócio torcedor”, é inadmissível que os clubes forcem seus torcedores a pagar taxas mensais fora da realidade econômica brasileira para terem o direito de torcer. Isso é ainda mais agravado pelos altos valores dos ingressos avulsos, ainda mais nas novas arenas. (KLEIMAN, 2017).

Sobre este panorama, o jornalista Mauro Cezar Pereira (2015) alega que “a defesa do atual modelo é feita pelos que só veem o estilo de vida classe média”²⁶. Evidentemente, a classe média brasileira não comporta a presença minimamente sensível da população negra.²⁷

A reboque de todo este contexto, ainda temos a apropriação do espetáculo futebolístico restringido pelos mecanismos de transmissão das partidas, que atualmente são extremamente limitadas na chamada “TV aberta”, sendo estimulada uma política de assistência cada vez mais atrelada aos canais pagos. Os denominados sistemas de *pay-per-view* (literalmente, “pague para ver”) assomam-se como mais uma estratégia de exclusão racial dos torcedores de futebol. Mais uma vez, o fator econômico, que obriga o torcedor a pagar para ver, retira da cena do pertencimento clubístico os negros.

Arenização, programas de sócio-torcedores e sistemas de *pay-per-view* atuam, assim, como explícita tática racista no que tange à configuração invisibilizada dos torcedores e torcedoras negros. Entendendo que o futebol se constitui em uma das mais potentes práticas culturais brasileiras, a retirada do contingente de torcedores negros legitima e reforça o racismo estrutural vigente no país, escudado pelo discurso econômico (para a elite, não se trata de pretos, mas de pobres). No entanto, é possível entendermos que:

O racismo se manifesta no campo econômico de forma objetiva, como quando as políticas econômicas estabelecem privilégios para o grupo racial dominante ou prejudicam as minorias. [...] O racismo se manifesta no campo econômico de forma subjetiva. O racismo ajuda a legitimar a desigualdade, a alienação e a impotência necessárias para a estabilidade do sistema capitalista. O racismo faz com que a pobreza seja ideologicamente incorporada quase que como uma condição “biológica” de negros e indígenas, naturalizando a inserção no mercado de trabalho de grande parte das pessoas identificadas com estes grupos sociais com salários menores e condições de trabalho precárias. (ALMEIDA, 2020).

Não temos dúvida, portanto, que o projeto de “modernização” do futebol brasileiro é igualmente um projeto excludente em vários aspectos, notadamente no que tange às questões raciais. Este artigo, para além de um anúncio acadêmico, é também uma denúncia: o torcer está embranquecido, e invisibiliza os negros – não só das arenas, mas de toda estrutura torcedora –

²⁶ PEREIRA, Mauro Cezar. **Abaixo a ditadura do Sócio Torcedor. Turma do Cappuccino talvez o prefira no shopping.** 2015.

²⁷ Segundo dados do IBGE divulgados em “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”, a população negra ocupa 27,7% entre os 10% com maiores rendimentos do Brasil e 75,2% entre os 10% mais pobres. Soma-se ao fato que “O rendimento médio domiciliar per capita também apresentou diferenças entre os dois grupos de cor ou raça. Na população branca, esse rendimento, em 2018, superou em quase duas vezes o da população preta ou parda – R\$1.846 contra R\$ 934.

através da lógica de mercado e espetáculo cada vez mais dominantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra, 2020.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 41.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. 1. ed. 2019. 12 p. ISBN 9788524045134. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101681>. Acesso em: 20 nov. 2021.

KLEIMAN, Bruno *et al.* **Elitização no futebol**: acesso negado. 26 de junho de 2017. Disponível em: <https://bityli.com/899ow>. Acesso em 13 ago. 2021.

LEONCINI, Marvio Pereira; SILVA, Márcia Terra da. Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório. **Gestão & Produção [online]**. v. 12, n. 1, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gp/a/kM9tcDvCHmxQw7XYwXnk3Yq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica a razão negra**. Lisboa: Antígona. 2014. p. 71.

MELHORES fotos da Folha na Copa 2014, **Folha Uol**, Brasília. 22 dez. 2014. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/31454-melhores-fotos-da-folha-na-copa-2014>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MENDES, Nathália. **Torcedores propõem novos gritos para incentivar o Brasil**, Empresa Brasileira de Comunicação, Brasília. 02 jan. 2015. Disponível em <https://memoria.ebc.com.br/esportes/copa/2014/06/grupo-de-torcedores-se-junta-para-propor-novos-gritos-e-incentivar-o-brasil>. Acesso em: 14 ago. 2021.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2019.

PEREIRA, Mauro Cezar. **Abaixo a ditadura do Sócio Torcedor. Turma do Cappuccino talvez o prefira no shopping**. 26 março 2015. Disponível em: <https://bityli.com/1DZRW>. Acesso em 13 ago. 2021.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História Política do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 15.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.,1992, p. 48.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 200.

Jornais e Revistas

A EPOCHA. Belo Horizonte, p. 2, 30 out.1904.

CORREIO MINEIRO. Belo Horizonte, 30 ago. 1927. Seção Jogos e Desportos, p. 3.

JORNAL ALTEROSA, janeiro de 1949.

JORNAL ALTEROSA, maio de 1954.

JORNAL ALTEROSA, julho de 1957.

JORNAL O GLOBO SPORTIVO, setembro de 1938.

JORNAL O GLOBO SPORTIVO, outubro de 1938.

REVISTA PLACAR, abril de 1971.

REVISTA PLACAR, novembro de 1973.

REVISTA PLACAR, fevereiro de 1976.

REVISTA PLACAR, março de 1976.

MINAS GERAES. Belo Horizonte, 15 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 6.

MINAS GERAES. Belo Horizonte, 17-18 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 8.

MINAS GERAES. Belo Horizonte, 14-15 ago. 1916. Seção Festas e diversões, p. 7.

Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesse.

Contribuições dos autores

Todos os autores contribuíram em todas as fases da construção deste artigo.

Endereço para correspondência

Av. Pres. Antônio Carlos, 6627
Campus – Pampulha
Belo Horizonte – MG, CEP: 31270-901.

Submissão: 11/10/2021

Aceite: 07/02/2022